

José A. García, sj

Janelas para Deus

Experiência humana e exercício espiritual



EDITORIAL AO

Original title:

Ventanas que dan a Dios.

Experiencia humana y ejercicio espiritual

by José A. García Rodríguez, SJ

© Editorial Sal Terrae 2011

Grupo de Comunicación Loyola, S.L.U.

Bilbao (Spain)

gcloyola.com

Tradução

Odete Alves

Foto da capa

Mohammed – unsplash.com

Capa

Romão Figueiredo

Paginação

Editorial AO

Impressão e Acabamentos

Sersilito – Empresa Gráfica

Depósito Legal

559276/26

ISBN

978-972-39-1037-7

Fevereiro de 2026

Com todas as licenças necessárias

©

SECRETARIADO NACIONAL DO APOSTOLADO DA ORAÇÃO

Rua S. Barnabé, 32 – 4710-309 BRAGA / Tel.: 253 689 443

www.redemundialdeoracaodopapa.pt/livraria | livros@rmop.pt

À Cari,
querida e inesquecível
irmã mais velha.

Prólogo

Leitora ou leitor amigo:

Se já começaste a ler este livro pelo prólogo, espero que as notas seguintes te ajudem a compreender melhor como nasceu e os objetivos com que foi escrito. Também para que a sua leitura te seja mais agradável e fecunda. Esta é, pelo menos, a minha intenção.

A primeira nota prévia é que *o fio condutor que percorre este livro, desde o seu início até à sua conclusão*, é que Deus é uma Presença real e as experiências humanas, todas elas, são chamadas a ser janelas para Ele.

Este é o seu núcleo, a sua afirmação central. Nela se incluem mais duas: que aos seres humanos foi concedida a possibilidade de encontrar Deus nas coisas, em todas elas; no seio desse encontro podemos experimentar o seu Amor, o seu chamamento.

Tudo isto torna este livro uma *confissão de fé*. O que procura transmitir é a convicção humilde e confiante de que a vida está habitada por um Mistério acolhedor que vive sempre voltado para nós e a quem, por isso mesmo, nos é possível aceder. «Creio em Deus como Presença real que dá razão, sustenta e anima amorosamente toda a criação, e, nela, também toda a vida. Alegra-me profundamente ter um Deus assim, amoroso e livre, cujo maior desejo é que o mundo seja casa e a humanidade família. Desejo buscá-lo e encontrá-lo como Fonte de toda a realidade e Presença

acolhedora e impulsora no coração de todo o ser, de toda a matéria. E, embora seja noite, acredito com toda a minha alma que Deus acompanha o nosso êxodo até uma nova terra que já está aqui e que se prolonga numa vida além da morte. Até uma pátria da identidade onde a perfeita reconciliação consigo mesmo, com os outros e com Deus seja finalmente possível».

Esta convicção, no entanto, por real e operante que seja, não deixa de ser misteriosa para nós. Refere-se nada menos que A Deus, e Deus nunca pode ser objeto que se adapta a nenhuma compreensão humana. Trata-se, pois, de uma Presença completamente original: pressentida sem poder ser definida, raciocinada sem poder ser demonstrada, suporte de toda a realidade sem intervenções pontuais nela, acessível ao ser humano e, por sua vez, livre em relação a ele... Assim é vislumbrado o nosso Deus em toda a realidade humana. Uma realidade que, pelo facto de ser criação sua, é sempre sacramento da sua Presença.

São Paulo exprimiu com enorme exatidão o pensamento que percorre estas páginas: que o *ens realissimum* não somos nós mesmos nem tão pouco o mundo, mas Deus. E que é *nele* que nos movemos, existimos e somos, onde somos na realidade... Nele, que a tudo dá a vida, o alento e todas as coisas (At 17, 23-28). Este texto paulino consagra, por um lado, o princípio da autonomia humana, mas, por outro, radica-a em Deus. Vê-a como uma autonomia teónoma. Por isso, porque Deus é dando-nos e dando-se na criação, porque «o Todo se dá no fragmento», podemos encontrá-lo nas coisas. É desta certeza que fala amplamente este livro.

Numa segunda nota gostaria de indicar que *este livro mergulha as suas raízes na espiritualidade inaciana. Nesta tradição evangélica tenho vivido desde sempre e a ela devo o melhor e o mais querido da minha vida.*

Algo do referido anteriormente deverá ter sentido Inácio de Loiola, um dia, em Manresa, no ano de 1522. Uma dessas *peak experiences* (experiências fundantes), nas quais Deus entra, ilumina e impacta de tal maneira o coração humano que, a partir desse centro, se expande a todo o nosso ser, criando uma novidade total e insuspeita. No caso de Santo Inácio, o efeito transformador e orientador daquela experiência foi decisivo para toda a sua vida: «uma ilustração tão grande que lhe pareciam novas todas as coisas... e lhe parecia ser outro homem e ter outro entendimento diferente do que tinha antes», dirá o santo ao recordá-la pouco antes de morrer.

Pois bem, entre as coisas que Inácio *entendeu* naquela «ilustração» e que lhe ficará para toda a vida, está a seguinte: «se o mundo procede amorosamente de Deus, se Deus é Criador e Senhor do mundo, ele, Inácio de Loiola, já não quererá amar e servir a esse Deus mais que amando e servindo a sua criação. Não apesar dela nem a partir dela, mas *nela*. Tudo será para ele “meio divino”, lugar de encontro com Deus, de adoração e de serviço».

Tal parece ser a lógica que conduz à mudança definitiva na vida de Santo Inácio. A maior glória de Deus e o amor maior a Ele ficarão vinculados para sempre ao maior amor e serviço ao mundo, a «ajudar as almas», quer dizer, as pessoas. A todas elas – princípio de universalidade – e totalmente – princípio de integração.

Assim se entende que o processo espiritual inaciano tenha por horizonte «buscar e encontrar Deus em todas as coisas». Um processo que começa por anunciar um acontecimento de graça: tudo vem de Deus, em tudo habita Deus; e que se prolonga numa busca pessoal do seu Rosto e da sua Vontade.

Gostaria de acrescentar, em terceiro lugar, que *este livro tem o intuito de repensar ambas as afirmações no âmbito da cultura*

atual, não à sua margem. Uma cultura que, em muitos casos, se mostra indiferente ou cética relativamente ao religioso e, noutros, abertamente hostil.

É neste mundo e nesta cultura que nos cabe viver. Deus não tem outro mundo nem outra cultura de substituição para nos oferecer. E a partir do seu interior chama-nos a «unir esforços» com a sua atividade salvadora.

Contudo, é impossível que, vivendo e fazendo parte desta sociedade, não sintamos os seus efeitos: os que comprovam a nossa fé e também os que a questionam; o «rumor dos anjos» que sussurra nas fendas da nossa cultura e também a argumentação agnóstica ou abertamente ateia.

Um dos autores citados mais adiante afirma que definir a fé como «um salto no vazio» lhe parece uma loucura. Não lhe falta razão. Acreditar em Deus é um ato razoável. Está apoiado numa lógica que, embora não seja das ciências empíricas, nem por isso deixa de ser razoável. «Gostaria de comparar a realidade a uma casa – diz outro autor também citado. Do corredor abrem-se diversas portas que conduzem a diferentes divisões. Uma dessas divisões poderia ser chamada *ciências exatas*; outra, *sabedoria e valores*; uma terceira, *arte*; e uma quarta, *mística*... Os critérios para determinar o que é verdade ou o que é um facto são diferentes em cada caso».

A realidade é pluridimensional. A todas as suas dimensões se lhes exige que sejam razoáveis, se querem ser humanas; mas tratar todas com uma mesma e única lógica é abusivo, deixa de ser razoável. «Ser cristão – diz o Papa no seu último livro-entrevista *Luz do mundo*¹ – não deve converter-se num substrato

¹ Bento XVI – *Luz do Mundo. O Papa, a Igreja e os Sinais dos Tempos*. Lucerna, 2010 (N.T.).

arcaico que, de alguma maneira, retenho e vivo, em certa medida, de *forma paralela à modernidade*». Mas acrescenta que devemos opor-nos a um determinado tipo de racionalidade, em que «não se trata da razão em si, mas da restrição da razão ao que pode reconhecer mediante a ciência natural e, ao mesmo tempo, da marginalização de tudo aquilo que vá além dela».

Por conseguinte, este livro não está escrito de modo polêmico – não vai contra nada nem contra ninguém –, mas trata-se de fundamentar a fé e o processo espiritual no interior da nossa cultura, contando com as suas negações e dúvidas, mas sem se encolher diante delas. Dizendo-o de alguma forma, procurando superá-las a partir de dentro. Já está na hora de nós, os crentes, vivermos a fé, tanto no seu processo espiritual interior, como na sua repercussão pública, sem complexos de ordem alguma. De um modo que seja simultaneamente humilde e professante.

O referido anteriormente conduz-nos a uma quarta e última observação relacionada com o subtítulo deste livro: *Experiência humana e exercício espiritual*.

A realidade não é, sem mais, «janela para Deus». É verdade que pode revelá-lo, mas também escondê-lo; pode ser transparência de Deus, mas também obstáculo que nos impeça de aceder a Ele. Requer-se, portanto, que as experiências humanas passem por um processo espiritual que capacite quem as vive a contemplá-las como *sacramentos da sua Presença*, para nelas o descobrir.

Pois bem, se Santo Inácio em algo enriqueceu o tesouro espiritual da Igreja, foi precisamente nesse processo cujo horizonte ele mesmo definiu assim: «É necessário buscar e encontrar Deus em todas as coisas, em todas amando-o e a todas nele, conforme a sua santíssima vontade». É exatamente isso o que procuramos nestas páginas: expor algumas das experiências humanas básicas

ao processo espiritual inaciano, de modo a que, desvendando-as na sua profundidade, possamos descobrir Deus nelas.

Resta acrescentar apenas um pormenor: os materiais que compõem este livro não são todos originais. Muitos deles apareceram em diversas Revistas, especialmente em *Sal Terrae* e *Manresa*, às quais agradeço a autorização para os utilizar novamente aqui. O que posso assegurar é que não se trata de uma mera compilação. Estes materiais foram sujeitos a uma ampla e profunda reelaboração, seguindo o fio condutor de que falávamos anteriormente.

Leitora ou leitor amigo, se a leitura deste livro ilumina, inspira ou provoca de alguma forma a tua vida, se te ajuda a viver mais radicado em Deus, mais atento a Ele e ao seu Sonho para o mundo..., essa será a minha maior recompensa e alegria.

Madrid, janeiro de 2011

Onde e como está Deus?

Uma lente de contacto

Deus é uma Presença real, mas também escondida. Não se acede a Ele através dos olhos do corpo, mas pelos olhos da fé, pelos olhos do coração. Significa, então, que no acesso a essa Presença divina os nossos olhos corporais carecem de importância? Não, de modo algum. Significa apenas que os nossos olhos necessitam de uma lente especial para perceber uma realidade que, de outra forma, lhes permaneceria inacessível. Uma lente de contacto através da qual possamos olhar o mundo, os outros e a nós mesmos de um modo novo.

Como? Contemplando as *raízes sagradas das coisas* ao estilo de Paulo, no Areópago de Atenas, ou de São João da Cruz, no *Cântico Espiritual*, ou de Inácio de Loiola, na «Contemplação para alcançar amor»... Esse amplo e amoroso olhar sobre a realidade, descoberta como criada e habitada por Alguém, fluindo d'Ele, oferecida ao homem. Alguém que a transcende, mas que, ao mesmo tempo, é o seu fundamento permanente e que, por isso, existe e se faz presente e acessível nela. Não *através dela*, mas exatamente *nela*.

Este primeiro capítulo trata da natureza dessa «lente», tal como a concebeu Inácio de Loiola e, depois dele, a espiritualidade inaciana; da sua natureza e do modo de a ajustar ao nosso olhar.

1. Um novo modo de ver a vida e de se situar perante ela: a «Contemplação para alcançar amor»

Existem duas formas elementares de olhar a realidade, de se situar diante dela. A primeira é plana, um olhar que não vai além do que o homem vê e pode analisar. Segundo este olhar, o real termina ali, no que percebem os nossos sentidos, no que pode ser submetido a uma análise verificável.

A segunda não se detém aí. Aceitando os dados que lhe vêm da primeira leitura, penetra-a até ao âmago de si mesma, perguntando-lhe e perguntando-se pela sua Fonte última. Já não se trata de perguntas científicas, todas elas pertencentes à primeira forma de olhar, mas de perguntas pelo Fundamento, Sentido e Destino último das coisas, às quais a ciência nunca poderá responder, porque não pertencem ao âmbito do seu saber. Nem ao de agora nem ao de nunca. A famosa pergunta de Leibniz, que mais tarde Heidegger também fará sua – «porque existe o ser e não o nada»? – é uma delas, mas não certamente a única.

Em Paulo, esse olhar contemplativo descobre que Deus é *mais real* que o mundo, mais que as coisas e nós mesmos, uma vez que «nele nos movemos, existimos e somos»; é um Deus que «a tudo dá a vida, o alento e todas as coisas» (At 17, 25-28). Em São João da Cruz, como quem reveste o mundo da sua própria beleza. E em Inácio de Loyola?

Quando, findos os trinta dias de Exercícios, Santo Inácio reenvia o exercitante à vida quotidiana, não o faz como se o processo espiritual já tivesse terminado, pelo contrário: os Exercícios não concluem nada; o que fazem é abrir ao sujeito uma forma nova de ver a realidade e de se situar diante dela, uma nova espiritualidade e o seu correspondente processo, cuja síntese o santo oferece na sua conhecida «Contemplação para

alcançar amor» (CaA). Trata-se de uma ponte entre os Exercícios e a vida quotidiana, de uma «lente de contacto» que ainda hoje conserva um especial encanto e poder transformador¹.

Como encontro Deus na realidade a que sou novamente enviado e, a partir dela, a que me chama? Tal é a pergunta subjacente a tal contemplação. A resposta de Santo Inácio avança do seguinte modo:

1.1. Deus é e está na realidade, «dando-a e dando-se nela» (EE 234). Este é, para Inácio, o primeiro modo de presença de Deus em todas as coisas, em toda a realidade. Visto que Deus é o criador de tudo quanto existe, Deus é dando a realidade, tornando-a possível. Tudo quanto existe mergulha as suas raízes em Deus, tem «raízes sagradas». Zubiri expressaria esta relação constitutiva entre Deus e a criação, dizendo que Deus é «essencialmente respetivo às coisas». São Paulo, afirmando que «Deus dá vida aos mortos e chama à existência o que não existe» (Rm 4, 17). Jesus convida-nos a ver a Presença escondida, mas real de Deus nos pássaros do céu e nos lírios do campo e, sobretudo, nos pobres, doentes, pecadores...

Mas há mais. Deus é e está na realidade não apenas dando-a, mas também *desejando dar-se* nela. O argumento de Inácio não deixa de ser surpreendente: «...e tanto me deu do que tem e *consequenter* o mesmo Senhor deseja dar-se-me...». Porquê esse *consequenter* (consequentemente)? O que vincula o facto de que Deus dê ao facto de que, além disso, deseje dar-se-me?

A possibilidade de dar algo sem se dar a si mesmo no que se dá é uma triste possibilidade humana, não de Deus. O presente,

¹ Cf. K. RAHNER – *Meditaciones sobre los Ejercicios de San Ignacio*. Herder, Barcelona 1971, p. 262.

chamado a significar algo mais profundo do que ele mesmo – o agradecimento e a dádiva de quem oferece – esconde muitas vezes outra intenção oculta: dar algo para não termos de nos dar a nós mesmos. Entregue o presente, contas saldadas, ficamos em paz.

Deus – bendito seja! – não é assim. Dá-se sempre nos seus dons, porque a sua essência é ser amor, dom de si, *ékstasis* de si mesmo à coisa amada e, por isso, criada². Isso explica que está em todas as coisas, dando-se a si mesmo nelas.

Ora, então, que modelo de ser humano – homem e mulher – surge desta contemplação de Deus? Expressando-o muito sucintamente, poderíamos afirmar o seguinte:

Por ser dom e imagem de Deus, o ser humano é essencialmente dom de si, como Deus. Apenas se realiza na alteridade. É dando e dando-se que floresce. Toda a evasão individualista do ser humano sobre si mesmo é perda, não ganho. Psicológica e culturalmente, é possível que esse ensimesmamento apareça como proveito, mas, no fundo, é alienação de si, afastamento de si mesmo e do seu Criador. Não nos alertou Jesus sobre esta fatal aparência: «quem quiser salvar a sua vida perdê-la-á»?

Por conseguinte, se somos imagem de Deus, sejamos imagem sua, quer dizer, descentrados de nós mesmos. Como? Dando e dando-nos. Prolongando nos outros, no mundo e em toda a criação o Amor de que fomos alvo. Sendo, como diria o próprio Inácio, «instrumento nas suas mãos».

1.2. Deus é e está na realidade, «habitando-a» (EE 235). Deus não está apenas nos seus dons, dando-os e dando-se a si mesmo

² E. BIANCHI – *Para mí vivir es Cristo. Comentario a la carta a los Filipenses*. Paulinas, Madrid 2008, pp. 59-67.

neles. Também os habita. Que novidade acrescenta esta segunda metáfora sobre a presença de Deus nas coisas?

Com ela, Inácio indica uma permanência de Deus na realidade criada que possibilita em todo o momento e circunstância o nosso encontro com Ele. Como poderíamos encontrá-lo sempre, se a sua presença nas pessoas e nas coisas fosse apenas pontual? Como poderíamos entrar sempre em comunhão ativa com Ele?

Esta presença e habitação de Deus na realidade, Inácio vê-a de um modo diferenciado e gradual, segundo a qualidade dos seres e utilizando as categorias filosóficas do seu tempo: Deus habita nos elementos inanimados dando-lhes o ser, nos vegetais possibilitando a sua vida vegetal, no reino animal tornando possível o mundo das suas sensações... No ser humano, a inabituação de Deus assume, segundo Inácio, os modos de presença dos graus anteriores, ao mesmo tempo que se revela num grau qualitativamente diferente. Por ser criado à imagem e semelhança de Deus, o homem é seu templo, um lugar especial onde o encontrar, adorar e servir. «E assim em mim, dando-me ser, animando, sentindo e fazendo-me entender; além disso, sendo criado à semelhança e imagem de sua divina majestade, fazendo templo em mim».

A linguagem pode parecer-nos ingênua, mas a mensagem é profunda e com fundamento bíblico. São Paulo aludirá, como dissemos anteriormente, a essa inabituação de Deus; só que, para ele, a expressão mais correta não seria que Deus está *nas coisas*, mas que as coisas *estão em Deus*. Para Paulo, o «*ens realissimum*» e primeiro é Deus.

Com um Deus que estivesse unicamente no Céu, dificilmente poderíamos entrar em comunhão de amor e serviço. Um Deus que apenas encontramos no nosso interior converter-se-ia facilmente em objeto dos nossos desejos mais arcaicos. O Deus

contemplado, amado e servido no mundo adquire um caráter de alteridade irredutível ao âmbito das nossas necessidades. É Ele quem está nas pessoas e nas coisas. Ao aproximarmo-nos delas, aproximamo-nos d'Ele como de uma sarça ardente. Impõe-se um primeiro «passo atrás», por estarmos diante de algo santo, habitado por Deus. Apenas depois poderemos dar um «passo à frente», que já não poderá ser manipulador e dominador, mas respeitoso, acolhedor, comprometido, serviçal.

«Tudo está habitado»: tal é a imensa e consoladora verdade da nossa fé cristã em Deus. Toda a realidade é, assim, templo de Deus, lugar de encontro e de união com Ele, instrumento divino. Mundo material, pessoas, relações, coisas... não são simplesmente «ocasião» para encontrar Deus a partir delas. É *nelas* que encontramos Deus, não *a partir delas*, o que confere à criação e à história um caráter de sacramento desse encontro.

E de novo a pergunta: que pro-vocação nos faz um Deus que é e se manifesta assim?

Porque Deus é e está na realidade, habitando-a, somos chamados a habitar o que somos, a tornarmo-nos inteiros (D. Aleixandre) nele. Quanta fragmentação do nosso eu, quanta «ausência» no que somos e fazemos...! Como podem os outros e mesmo Deus entrar em contacto connosco, se não habitamos a realidade que somos, a ação que realizamos? Também aqui se nos pede que sejamos *como Deus*, e talvez hoje mais do que nunca, pela grande dispersão que nos empurra de dentro para fora de nós mesmos.

Como o conseguiremos? Descobrimo Deus em toda a realidade, tal como Ele é e está: habitando-a. Adorando, admirando e agradecendo que Deus seja assim. Convertendo esse Deus e o seu Projeto para o mundo no objeto do nosso desejo, um *objeto novo* que deponha tantos outros desejos arcaicos...

1.3. *Deus é e está na realidade, «trabalhando»* (EE 236). O olhar contemplativo de Inácio descobre uma terceira forma de Deus na realidade: «Considerar como Deus trabalha e opera por mim em todas as coisas criadas à face da terra, *id est, habet se ad modum laborantis*». Este Deus, que o exercitante é convidado a descobrir, não se parece em absoluto ao *deus ociosus* do paganismo. É um Deus que em tudo trabalha e opera por mim, um «Deus com as mãos na massa», um Deus trabalhador. E como se a Inácio lhe tivesse vindo um certo escrúpulo por utilizar um antropomorfismo pouco respeitoso, acrescenta imediatamente em latim: «*id est, habet se ad modum laborantis*», quer dizer, «comporta-se como um trabalhador». Tal clarificação não era realmente necessária, já que o próprio Jesus afirma, no Evangelho de João: «Meu Pai *trabalha* continuamente, e Eu também trabalho» (Jo 5, 17).

Trabalhar e trabalho(s) tinham, na época de Inácio, como continuam a ter hoje, vários significados. Podiam aludir a tarefa, a compromisso amoroso, a sofrimento... Quando uma mãe diz, por exemplo: «Quanto trabalho me deu este filho...!», estão incluídos simultaneamente estes três significados.

Pois bem, segundo esta polivalência do termo, pode dizer-se que um primeiro trabalho de Deus por mim é a criação, enquanto êxtase trinitário de Deus no mundo, enquanto extravasamento da sua essência para o mundo e para mim. Pode dizer-se também que Deus trabalha por mim – e de que maneira! – na encarnação, vida, morte e ressurreição de seu Filho, acontecimentos que supõem o ponto máximo da sua decisão em nosso favor e do seu sofrimento por nós. Podemos finalmente dizer que Deus trabalha por mim com o envio do Espírito Santo, cujo trabalho consiste em «tornar Deus presente e Jesus Cristo nosso contemporâneo» (A. Álvarez Bolado). Resumindo: Deus

trabalha por mim dando ser ao nada (Pai Criador), dando vida à morte (Filho Jesus Cristo), dando alento e esperança na imanenência fechada (Espírito Santo). Então:

Porque Deus é e está em toda a realidade «trabalhando», não poderemos ser seus filhos e sua imagem, senão unindo o nosso trabalho ao seu, a nossa liberdade à sua, o nosso amor, empenho e sofrimento ao de Deus.

O mundo é mais de Deus do que nosso. Quando nós chegámos, Deus já cá estava, desde sempre. O seu desejo de o transformar em Reino é seu, muito mais que nosso e antes de ser nosso. A nossa tarefa é, unicamente, ser seus colaboradores, cocriadores com Ele, não trabalhadores independentes. Quanta prepotência desaparecia, se vivêssemos e agíssemos assim. Quanta libertação de energia se produziria para a única coisa importante, que não é propriamente a nossa própria exaltação, mas a elevação do mundo à altura da sua própria vocação...

1.4. Deus é e está na realidade, «descendo» (EE 237). Descida é a quarta metáfora inaciana que descreve a presença de Deus na realidade. A que alude esta expressão?

Para descobrir como tudo vem de Deus e é seu dom, Inácio vale-se de duas preciosas comparações: «como do sol descem os raios e da fonte as águas», assim todas as coisas – bens e dons, tal como são – descem de Deus. *Sol e Fonte*: assim é Deus, relativamente às coisas e às suas perfeições naturais e morais. Dele desce toda a justiça, bondade, piedade e misericórdia. A Ele remetem e revelam. Dele falam. Para encontrar Deus, para o amar e servir, não temos de ignorar a criação, mas *olhá-la* de um determinado modo, reconhecendo-o nela. Em todas as coisas. «Para quem sabe ver, nada é profano na terra», dirá Teilhard de Chardin.

O que acrescenta este quarto ponto da CaA aos três anteriores? «O quarto ponto da CaA move-se agora a partir das ações de Deus, até Ele mesmo... Todas as coisas são não apenas dons seus, mas participação na sua natureza»³. Segundo este quarto ponto, todos os dons são reflexo e resplendor de Deus. O que são, vem-lhes d'Ele; daqui lhes vem o poder de o refletir. Neles chega até nós uma Presença que nos afeta pessoalmente e que chama à restituição do amor⁴.

«Eu perguntei à terra, e respondeu: não sou; e a quantas coisas contém a terra, e responderam-me o mesmo. Perguntei ao mar e aos abismos, e a todos os animais que vivem nas águas, e responderam: não somos o teu Deus, procura-o mais acima de nós. Perguntei ao ar que respiramos, e ele respondeu com todos os que o habitam: Anaxímenes engana-se, porque não sou o teu Deus. Perguntei ao céu, ao sol, à lua e às estrelas, e disseram-me: não somos esse Deus que buscas. Então disse a todas as coisas que por todos os lados rodeiam os meus sentidos: já que todas vós me dissesdes que não sois o meu Deus, ao menos, dissei-me alguma coisa d'Ele. E em alta voz todas clamaram: Ele é quem nos fez»⁵. A glória de um vaso de barro é o Oleiro. Se pudesse falar, a ele remeteria todo o seu louvor.

Permanece ainda outra característica importante deste quarto ponto da Contemplação para alcançar amor. «Descida» aqui é sinónimo de abaixamento, de con-descendência, de Amor que desce em *kénosis* amorosa de si mesmo. Deus desceu na

³ M. J. BUCKLEY – «Contemplación para alcanzar amor», en *Diccionario de Espiritualidad Ignaciana*. Mensajero/Sal Terrae, Bilbao/Santander 2007², pp. 455-465.

⁴ H. QUATHALEM – *Comentario del libro de los Ejercicios*. Apostolado de la Oración, Buenos Aires 1987, pp. 238-239.

⁵ *Confesiones*, Livro X, 6.

criação, no seu Filho querido, em cada coisa criada, para estar à nossa altura e elevar-nos até Ele nos seus poderosos braços. É a metáfora da mãe que se abaixa para ficar ao nível de seu filhinho e depois o levanta para o abraçar e beijar o seu rosto. Como a água desce da fonte e a luz do sol, assim Deus desce até nós em toda a realidade. O Todo que se dá no fragmento, diz B. Forte comentando von Balthasar, «aparece ali como movimento que surge do íntimo e abre uma janela para o ilimitado, de forma que o mínimo aparece como “kénosis” ou “abreviação” da eternidade no tempo, do infinito no finito»⁶.

E porque Deus é para nós descendo, podemos já imaginar que chamamento esta aparição introduz em nós, que somos sua imagem, chamados a ser semelhantes a Ele. Não apenas a elevar-nos até Deus na criação, mas, também, a segui-lo na sua descida, descer com Ele àqueles lugares onde o amor e a vida estão ameaçados, para ajudar a que também ali Deus possa aparecer.

Não é maravilhoso descobrir um Deus assim? Não é fonte de imensa alegria recebê-lo no nosso coração, assim como Ele quis ser para nós?

2. Admiração e agradecimento, eixos da «mudança de olhar»

Admiração e agradecimento constituem, parece-nos, o eixo central no qual assenta a conversão, segundo Santo Inácio. Não seria difícil verificar essa afirmação repassando os momentos-chave do processo dos Exercícios, mas este não é o momento. Basta determo-nos na prece da Contemplação para alcançar

⁶ B. FORTE – *En el umbral de la belleza. Por una estética teológica*. EDICEP, Madrid 2004, p. 7.

amor que temos vindo a considerar. Diz assim: «pedir o que quero; será aqui pedir conhecimento interno de tanto bem recebido, para que eu, reconhecendo-o inteiramente, possa, em tudo, amar e servir a sua divina majestade» (EE 233).

Partamos de uma constatação evidente: não é o mesmo conhecer uma coisa e reconhecê-la. O conhecimento patenteia a estrutura interior e exterior das coisas, mas não diz nada sobre o seu sentido e procedência última. O reconhecimento penetra a realidade até a descobrir como dom de alguém para mim, para nós. Para conhecer as coisas não é necessária a fé. Re-conhecê-las na sua qualidade de dom, não é possível sem ela.

Pois bem, o que Inácio pede nesta oração é que o conhecimento interno da realidade produza em nós re-conhecimento, quer dizer, a consciência agradecida da sua procedência, do seu carácter de dom de Deus ao ser humano.

Como poderia ser de outra forma? Como poderia um ser humano contemplar a realidade do mundo, de Jesus Cristo, da sua própria vida e os dons pessoais como provenientes de Deus, sem saltar de admiração e júbilo por tudo isso, sem se encher de um profundo reconhecimento? Impossível. «Quando o outro irrompe no fragmento e, alcançando-o, rompe a prisão da identidade encerrada em si mesma, identidade sempre “má”, identidade aprisionadora, então faz-se a experiência da beleza»⁷. O ser humano é capaz de captar essa Beleza, admirá-la e agradecer os seus dons. Se lhe falta, sinal de alarme: algo grave está a acontecer no seu interior. Grave e perigoso, pelas consequências que decorrerão de tal ausência.

Inácio tem razão ao colocar o centro da vida e da fé (a fé enquanto amor a Deus e serviço ao reino de Deus) no agrade-

⁷ *Ibid.*, p. 39.

cimento? Esta pergunta não pode ser respondida em abstrato. Inácio poderia dizer que sim, porque assim aconteceu na sua vida; muitos de nós poderíamos também dizer que sim, porque assim aconteceu nas nossas vidas...; cada um tem uma palavra a dizer a este respeito...

A única coisa que se pode dizer é que a partir do interior dessa experiência se torna verdade a afirmação de que nada dinamiza tanto o amor humano como a experiência de que alguém nos ama gratuitamente e fez coisas importantes por nós. E se isto é verdade aplicado à experiência humana, também o é, e ainda mais, aplicado a Deus. Assim se explica que Inácio peça a Deus, nesta contemplação, a graça do reconhecimento, sinónimo também de agradecimento, para que este se transforme em amor e serviço. A quem? A Deus, naturalmente, de quem procede tanto bem recebido. Mas um amor e um serviço exercidos na sua criação: *em tudo*.

Assim se explica também a insistência do «por mim» na contemplação inaciana dos mistérios da vida de Cristo, como motor de uma resposta de amor pessoal ao Senhor e de compromisso com o seu Projeto. Quanto maior for a consciência do que Deus fez por mim, maior será a gratidão. Quanto maior for a gratidão, maior será o amor e o seguimento. Esta é a lógica central da espiritualidade inaciana. Acusar este «por mim» de visão individualista é não ter entendido nada do assunto. Só o que é radicalmente pessoal pode florescer, e durar, numa dimensão universalista. São Paulo, cujas duas paixões eram Cristo e o universalismo cristão, não hesita em viver a partir deste centro: «Ele amou-me e entregou-se por mim» (Gl 2, 19-20). Também não encontra qualquer contradição na passagem do «por mim» ao «por nós»: «Cristo amou-nos e entregou-se por nós» (Ef 5, 2).

Uma última observação deve ser acrescentada ao já referido. Ao agradecer tanto bem recebido e ao tratar de lhe corresponder, um subtil espírito maligno pode infiltrar-se no processo: «Recebi isto, isto e isto, e estou muito agradecido; e como sou uma pessoa íntegra e grata, decido responder com a mesma moeda...». Pode acontecer que, quase inconscientemente, se tenha criado um hiato interno entre o dom e a resposta. Que o meu eu e a sua decisão se tenham tornado subtilmente independentes de Deus, presente e ativo nos seus dons. «O agradecimento não nos convida a fazer o mesmo, mas a fazer frutificar o que nos foi dado, avançando para uma nova história. O dom prolonga-se a si mesmo, não sendo nós a sua origem. E é nele que encontramos vida e alegria»⁸.

Até aqui, neste primeiro capítulo, quisemos mostrar o caminho inaciano, a sua lente de contacto, para que o mundo, a história e tudo o que eles contêm se tornem para nós lugar de encontro e adoração, «meio divino».

Os capítulos seguintes consistirão na aplicação desta mesma lente a uma série de realidades concretas da nossa vida que, vistas à sua luz, nos oferecem essa ditosa possibilidade de encontrar Deus nelas, de serem «janelas para Deus». De nos unirmos à sua Presença e colaborarmos com a sua ação no mundo e em nós mesmos.

Em cada uma delas aparecerá, de forma mais ou menos explícita, o mesmo processo espiritual, a mesma sequência:

⁸ N. S-L. – «La Gratitude»: *Études* (dezembro 2010), p. 667.

Janelas para Deus

- 1) Um olhar contemplativo sobre a realidade em questão – «aquele olhar longo e amoroso sobre as coisas».
- 2) Um exercício que, penetrando-a a fundo, descobre as suas raízes sagradas, nas quais está Deus dando-a e dando-se nela, habitando-a, trabalhando e descendo nela.
- 3) Um convite a deixar que a admiração e gratidão a Deus, que é e se nos revela como santo e bom e como con-descendente, nos «afetem».
- 4) Sentir, finalmente, como essa admiração e gratidão «afetadas» querem manifestar-se ao Senhor, oferecendo-lhe «todas as minhas coisas e eu com elas». Toda a minha liberdade, cujo maior desejo é unir-se ao desejo de Deus para mim e para o mundo.

Tal será a trajetória de cada capítulo, de cada uma das experiências humanas nele abordadas, consideradas na sua qualidade de «janelas para Deus».

Índice

Prólogo	9
1. Onde e como está Deus? – <i>Uma lente de contacto</i>	15
1. Um novo modo de ver a vida e de se situar perante ela: a «Contemplação para alcançar amor»	16
2. Admiração e agradecimento, eixos da «mudança de olhar»	24
2. Nas Fontes do eu – <i>Sou amado; por isso existo</i>	29
1. Sou amado e chamado; por isso existo	29
2. Onde nos conduz uma leitura assim?	32
3. Numa cultura que problematiza esta convicção	36
4. Existir é, portanto, receber-se de outros: de Deus e dos outros	39
5. Uma janela para Deus?	43
6. Em modo de resumo, a título de exame	46
3. «Cor inquietum» – <i>Deus e o clamor dos nossos desejos</i>	49
1. O desejo, indicador e motor da transcendência	50
2. Deus e as vozes do nosso desejo	53
3. A estrutura mimética do desejo	58
4. Intimidade e intimismo – <i>Ambiguidades e buscas do eu moderno</i>	63
1. O que é a intimidade? O que é o intimismo?	64
2. Porque somo como somos?	65

3. Cenários culturais da intimidade e o intimismo	67
4. Um exercício de discernimento cultural	70
5. Fé cristã, intimidade e intimismo	74
6. A título de resumo, a título de revisão	77
5. Há memórias que salvam – Acredito na Providência	79
1. Acredito num Deus providente, porque acredito em Jesus Cristo	80
2. Não de costas, mas olhando de frente	88
3. Sabendo que estamos sempre nas mãos de Deus	93
Outras vozes – 1	96
6. No lado obscuro... – Como encontrar Deus no nosso pecado?	103
1. Três atitudes diante do pecado presentes na nossa cultura	104
2. O pecado é «operar contra a Bondade infinita»	107
3. Do pecado do mundo ao meu próprio pecado	109
4. Como aparece Deus no pecado?	117
5. Resumindo	120
7. «Êxito» não é nenhum dos nomes de Deus – «Fracasso» também não	123
1. Algumas constatações, algumas perguntas	124
2. Quem é o homem realizado segundo o Evangelho?	125
3. Horizontes da «dissonância» salvífica de Jesus	128
4. Êxito e fracasso, lugares de invocação	133
5. A título de conclusão e reflexão	136

8. Dor do mundo, dor de Deus	139
1. A «rocha do ateísmo»	140
2. Uma tentativa de «absolver» Deus	141
3. A abordagem bíblica	144
4. A Cruz de Jesus Cristo, chave para a interpretação da dor humana	146
5. De rocha do ateísmo a limiar de uma Presença	152
6. Em modo de resumo, a título de exame	155
 9. A vontade de Deus – <i>Enquanto nos ama, Deus sonha connosco</i>	 159
1. Como pano de fundo: Jesus e «a vontade de Deus»	161
2. Somente Deus conhece Deus	164
3. O Espírito de Deus e o nosso espírito: interação mútua	168
4. Vontade de Deus e realização humana: da oposição à sinergia	171
 10. Enraizados na caridade – <i>Por um amor que seja digno de fê</i>	 177
1. «Deus é amor». E nós?	178
2. Um amor que desce do alto	184
3. Caminhos de busca	187
4. Exame de amor nas margens do lago	192
5. Em modo de resumo, a título de exame	194
Outras vozes – 2	196
 11. Paz, Missão, Espírito – <i>O Ressuscitado nas quaresmas humanas</i>	 203
1. A Paz do Ressuscitado, terapia contra a insegurança radical do coração humano	205

2. A Missão, terapia contra o egocentrismo	210
3. O Espírito, terapia contra o caos interior, a apatia e o colapso apostólico	215
12. Ofício de consolar – Receber e transmitir a consolação de Deus	223
1. Uma contemplação bifocal do Ressuscitado	224
2. A consolação inaciana e o ofício de consolar: significados	225
3. Quais são, portanto, os traços marcantes que definem a consolação inaciana?	227
4. Os «santíssimos efeitos» nas testemunhas da ressurreição	230
5. Deus consola-nos para que possamos consolar. Em quê? Como?	234
6. Corolário final	239
13. «Escola do coração» – Mistagogia inaciana do «procurar e encontrar Deus em todas as coisas»	241
1. Do que se diz sobre Inácio ao verdadeiro Inácio	243
2. A «escola do coração»: três aprendizagens vitais	246
3. Primeira aprendizagem. Um roteiro de vida cujo centro é o coração	249
4. Segunda aprendizagem. Que o corpo perceba: a conversão da sensibilidade	254
5. Terceira aprendizagem. O exame, essa forma de rezar... ..	257
Outras vozes – 3	261

Índice

Epílogo – Teilhard, Rahner e von Balthasar: três sínteses de vida espiritual	269
1. Teilhard de Chardin (1881-1955): pureza, fé e fidelidade operantes	269
2. Karl Rahner (1904-1984): o que não pode faltar na nova espiritualidade	274
3. Hans Urs von Balthasar (1905-1988): o contributo do homem	280
<i>Índice</i>	289